

O CAMPO DAS PRODUÇÕES SIMBÓLICAS E O CAMPO CIENTÍFICO EM BOURDIEU

Maria Manuela Alves Garcia

Faculdade de Educação de Pelotas
Doutoranda em Educação — UFRGS

RESUMO

Este trabalho faz um comentário dos conceitos sociológicos — *campo*, *habitus* e *estratégias* — que Pierre Bourdieu utiliza na análise da estrutura e funcionamento dos campos das produções culturais e simbólicas e tem por objetivo explorar as implicações dessas idéias para uma análise do desenvolvimento de determinados campos ou disciplinas acadêmicas e científicas. Discute sobretudo a estrutura e o funcionamento do *campo científico* na ótica bourdieuniana, no qual, por um aparente paradoxo, o avanço da ciência e do conhecimento científico são o resultado de lutas entre posições e agentes que disputam uma espécie específica de capital simbólico: a autoridade e/ou a legitimidade científica. Como ilustração das hierarquias que constituem o campo científico e do procedimento analítico proposto por Pierre Bourdieu, comentam-se aspectos de dois estudos que exemplificam a aplicação dessas categorias a fenômenos e eventos bem delimitados: uma análise do campo universitário francês, realizada pelo próprio Pierre Bourdieu na obra *Homo Academicus*, e uma análise do campo das Ciências Sociais, no Brasil dos anos 80, levada a efeito por Monique de Saint Martin. SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA E DA CULTURA — CAMPO CIENTÍFICO

ABSTRACT

THE FIELD OF SYMBOLIC PRODUCTIONS, IN PARTICULAR, THE SCIENTIFIC FIELD OF PIERRE BORDIEU. This article is about Pierre Bourdieu's sociological concepts of *field*, *habitus* and *strategies*, employed by him to analyse the structure and functioning of the fields of cultural and symbolical productions. The article intends to explore the implications of these ideas in the analysis of certain fields or academic/scientific subjects. It discusses the structure and functioning of the *scientific field* in Bourdieu where, in an apparent paradox, the advances of science are the result of a struggle between positions and agents over a specific kind of symbolic capital: authority scientific and scientific legitimacy. To illustrate both the hierarchies that form the *scientific field* and Bourdieu's analytical procedures, aspects are shown of two studies that demonstrate the application of these categories to well-delimited phenomena and events. These studies are: an analysis of the french university field, accomplished by Bourdieu himself in his work *Homo Academicus*, and an analysis of the field of social sciences in Brazil in the 80's, effected by Monique de Saint Martin.

Neste texto tem-se como objetivo uma aproximação do conceito de *campo* em Bourdieu e, em particular, do conceito de *campo científico*, sua estrutura e funcionamento, a partir de escritos do autor que se referem ao que se poderia chamar de uma sociologia do campo intelectual ou de uma sociologia dos campos da produção de bens simbólicos. Espera-se, desta forma, contribuir para o esforço de sistematização de alguns conceitos e princípios fundamentais que Bourdieu desenvolve em suas análises e que fornecem elementos significativos para uma análise sociológica do movimento de constituição e desenvolvimento de determinados campos ou disciplinas do saber científico, bem como das obras aí produzidas.

A maioria dos textos de Pierre Bourdieu trata de uma forma genérica da constituição e funcionamento dos campos da produção de bens simbólicos. Ou seja, as denominações *campos da produção de bens simbólicos* ou *campo da produção cultural* e, ainda, *campo intelectual*, são utilizadas pelo autor quando se refere a diferentes campos da produção de bens culturais e simbólicos: o campo científico, o campo universitário, o literário, o artístico e assim por diante.

Alguns desses campos têm sido tomados como objeto de estudo empírico por Bourdieu ao longo de sua atividade de sociólogo. Objetos tão diversos como o campo escolar, o campo literário e artístico na França, o mundo acadêmico e universitário nesse país, o campo da moda ou dos esportes, possibilitaram o desenvolvimento daquilo que o autor denomina de uma "teoria geral" dos campos, que pretende dar conta de uma lógica de funcionamento comum a diferentes campos particularizados em função de variáveis secundárias.

Como o próprio Bourdieu (1990b) chama a atenção existem *homologias*¹ estruturais e funcionais entre os campos sociais e político como um todo, e os campos da produção cultural e simbólica, mesmo considerando que os fenômenos, em cada um desses campos particulares, revistam-se de formas específicas e irreduzíveis umas às outras. É respaldado nesse pressuposto que, neste trabalho, se pretende chegar à compreensão do campo científico a partir de idéias de Bourdieu acerca da estrutura e funcionamento dos campos das produções culturais e simbólicas. Como se verá, essas idéias são inerentes ao próprio conceito bourdieuniano de *campo*.

Para cumprir o objetivo do texto apontado, inicia-se discutindo os conceitos de *habitus*, de *campo* e de *estratégias* na obra bourdieuniana, sua gênese e significado para uma análise sociológica dos campos da produção de bens culturais simbólicos. Apresentam-se também algumas características do funcionamento desses campos, princípios de sua constituição e alguns indicadores que Bourdieu aponta para uma análise sociológica da produção cultural e simbólica, quando toma como objeto de estudo o campo artístico e literário francês.

Por último, discute-se propriamente suas idéias acerca do funcionamento do campo científico, fazendo algumas referências, a título de ilustração, a dois tra-

balhos que exemplificam a aplicação das categorias bourdieunianas a recortes do campo científico: o livro que leva o título de *Homo Academicus*, do próprio Bourdieu (1984), e o artigo intitulado "A propos d'une rencontre entre chercheurs; sciences sociales et politique au Brésil", de Saint Martin (1988).

A NOÇÃO DE CAMPO EM BOURDIEU: GÊNESE, SIGNIFICADO E FUNCIONAMENTO

Uma particularidade da obra sociológica de Pierre Bourdieu, tantas vezes por ele reafirmada, é sua crença na possibilidade de uma complementaridade entre as visões do mundo social que comumente chamamos de construtivista ou fenomenológica, e de estruturalista. Na intenção de superar a dicotomia ator *versus* estrutura na análise sociológica, Bourdieu formula conceitos que são centrais para a compreensão de seu pensamento e que se inscrevem nessa tentativa, entre eles os de *habitus*, de *campo* e de *estratégias*.

Relativamente ao conceito de *habitus*, conforme Bourdieu (1987a, 1989a), pode-se caracterizá-lo como sendo um sistema de disposições duráveis e socialmente constituídas que, incorporadas por um agente ou um conjunto de agentes, orientam e dão significado às suas ações e representações. O *habitus* são estruturas "estruturadas e estruturantes" que ultrapassam o nível da consciência e fazem a mediação entre, de um lado, as estruturas sociais e, de outro, as práticas individuais. É importante salientar que o *habitus* sendo constituído ao longo da vida do indivíduo e sendo produto de um trabalho de inculcação, é uma estrutura sempre atualizada perante às novas situações e às ações práticas dos indivíduos.

O *habitus* é constituído, então, por um conjunto de esquemas geradores de ação adaptados a um determinado campo ou situação. E é nesse sentido que o conceito se relaciona com o que neste trabalho se enfoca mais detidamente, ou seja, o conceito de *campo*.

É o próprio Bourdieu (1983b) que, na seguinte passagem, ao definir um *campo* indica que os agentes que o constituem são portadores de um determinado *habitus* adaptado às exigências e necessidades do campo em questão:

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se po-

1 Remete-se ao sentido etimológico do termo homologias por ser ele esclarecedor da acepção em que é utilizado por Pierre Bourdieu: homologia, do grego "homós" = igual, semelhante; "lógos" = estudo, tratado. E ainda, na Biologia, esse termo significa a semelhança de estrutura e origem, em partes de organismos taxionomicamente diferentes. Bourdieu utiliza esse termo para indicar, exatamente, a presença de traços estruturalmente equivalentes em campos específicos.

deria motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo (cada categoria de interesses implica a indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas a disputar o jogo dotadas de *habitus* que impliquem o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (p.89)

Como se pode depreender das palavras anteriores, o conceito de *campo* se refere aos diferentes espaços da vida social ou da prática social, que possuem uma estrutura própria e relativamente autônoma com relação a outros espaços ou campos sociais. Esses campos se organizam em torno de objetivos e práticas específicas e apresentam — apesar das homologias que os unem — uma lógica própria de funcionamento que estrutura as relações entre os agentes no interior de cada um deles. Assim, a relativa autonomia é uma característica inerente à noção bourdieuniana de campo.

Antes já foi dito que os diferentes campos da produção de bens culturais e simbólicos apresentam homologias com o campo social, político e econômico. Por exemplo, de forma geral todos os campos se estruturam a partir das relações de aliança e/ou conflito entre os seus diferentes agentes que lutam pela posse de determinadas formas específicas de capital simbólico; e, também, as hierarquias, no interior de cada um desses campos, se estabelecem pela maior ou menor detenção, pelos agentes, dessas formas específicas de capital. Mas, em cada campo, essas lutas e estratégias assumem características específicas relativas à forma do capital em jogo e à posição que os agentes ocupam no campo.

Assim, cada campo social implica uma forma dominante de capital. No campo econômico a forma dominante é a posse do capital econômico e de bens materiais, no campo cultural, a posse do capital cultural, no campo científico, a posse de capital reveste-se em autoridade científica, e assim por diante. Dessa forma, as hierarquias que se estabelecem no interior desses diferentes campos não são redutíveis uma às outras, mas constituídas pela lógica que define o campo específico. Nos campos de produção de bens simbólicos e culturais a forma específica do capital que move as lutas no interior do campo é o capital simbólico expresso em formas de reconhecimento, legitimidade e consagração, institucionalizadas ou não, que os diferentes agentes ou instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas no interior do campo (Bourdieu, 1990b).

Nessas lutas, conforme Bourdieu (1983b, 1987b), os agentes ou grupos de agentes concorrentes desenvolvem estratégias de “conservação” e “exclusão” ou então, estratégias de “subversão”, de acordo com suas posições relativas no interior do campo. Essas

estratégias, as primeiras, levadas a efeito pelas ortodoxias (aqueles que ocupam as posições dominantes no interior do campo) e, as segundas, implementadas pelas heterodoxias (aqueles que ocupam as posições dominadas no campo ou que são dele excluídos), visam, em última análise, defender ou conquistar uma determinada posição dominante nas hierarquias constitutivas do campo; essa posição dominante se expressa no poder de definir os critérios e o monopólio do exercício legítimo de uma determinada atividade cultural ou científica.

Utiliza-se aqui o conceito de *estratégia* com o sentido que lhe é atribuído por Bourdieu (1974, 1990a) e estreitamente ligado aos conceitos de campo e *habitus* anteriormente apresentados. As *estratégias* podem ser entendidas como “seqüências de práticas estruturadas” ou “série de ações ordenadas e orientadas” que os agentes desenvolvem em função de um *habitus* adquirido e das possibilidades que um determinado campo oferece para a obtenção e maximização dos lucros específicos em jogo no campo em questão.

Nas palavras do próprio Bourdieu (1974. p.3) as estratégias são ações que têm a particularidade de serem

*(...) razoáveis sem serem o produto de um raciocínio proposital ou, com mais razão, de um cálculo racional; motivadas por um tipo de finalidade objetiva sem serem conscientemente organizadas em relação a um fim explicitamente constituído; inteligíveis e coerentes sem serem o produto de uma intenção inteligente ou de uma decisão deliberada; ajustadas ao futuro sem serem o produto de um projeto ou de um plano.*²

São portanto ações que visam a determinadas finalidades sem serem necessariamente concebidas para tal. São antes o resultado do “senso prático”, do conhecimento das regras e do “sentido do jogo” social que se adquire pela experiência e pela participação nas atividades sociais. São, enfim, o resultado de um *habitus* na relação com um campo.

Bourdieu (1990b) trata ainda das relações que os produtores culturais e simbólicos mantêm com o campo do poder e da posição que ocupam na estrutura das classes sociais. De forma geral, considera que os agentes produtores de bens culturais e simbólicos (o artista, o intelectual, o cientista) constituem frações da classe dominante porque ou são oriundos dessas classes e/ou possuem um capital cultural específico que lhes confere determinadas formas de poder e privilégios.

Se genericamente estão situados no interior das classes dominantes, muitas vezes, no entanto, esses agentes ocupam posições de dominados nas suas relações com os detentores do poder político e econômico. É só lembrarmos, para exemplificar, o quanto os produtos e o processo de produção e de circulação

2 Tradução da autora do texto original em francês.

dos produtos da atividade cultural e científica — não poucas vezes — se submetem aos mecanismos que regem o mercado e aos critérios definidos pelas agências e instituições financiadoras, governamentais ou privadas.

O que determina a posição de um agente ou grupo de agentes em um ou outro pólo da relação “dominantes—dominados” é tanto sua posição relativa no interior do campo, dada pela posse de um determinado capital específico, pela posição conquistada como fruto das lutas anteriores no campo, quanto pela própria posição do campo considerado em relação aos demais campos de produção e circulação de bens culturais e simbólicos e, ainda, pela posição do campo em relação ao campo do poder (social, político e econômico).

Assim que, transitando entre os pólos da relação “dominantes—dominados”, os produtores de bens culturais e simbólicos, de maneira geral, encontram-se numa posição de classe bastante contraditória, o que explica, por vezes, a ambigüidade de suas tomadas de posições em relação ao campo do poder. Bourdieu (1990b) fala dessa ambigüidade na seguinte passagem de uma entrevista dada a Karl Otto Maue, em que discute a possibilidade e o limite de uma ação engajada dos produtores culturais:

Eles podem colocar esse poder [o poder cultural e simbólico] a serviço dos dominantes. Eles também podem, de acordo com a lógica de sua luta no interior do campo de poder, colocá-lo a serviço dos dominados no campo social como um todo: (...). Porém, e isso vale também para os que se pretendem “intelectuais orgânicos” dos movimentos revolucionários, as alianças baseadas na homologia de posição (dominante—dominado=dominado) são sempre mais instáveis, mais frágeis, do que as solidariedades baseadas na identidade de posição e, conseqüentemente, de condição e de habitus (grifo do autor). (p.176)

Ou seja, Bourdieu alerta para o fato de que, dominados entre os dominantes, os intelectuais, em determinadas circunstâncias, são levados a assumir posições mais à esquerda estabelecendo alianças com os setores dominados no campo político e econômico; alianças essas que são, segundo sua própria expressão, um “apoio em falso” porque, em períodos de crise, quando vêem ameaçados o seu capital específico e os seus privilégios, esses mesmos produtores muitas vezes abandonam as suas posições progressistas.

Um outro aspecto importante diz respeito ao processo de constituição e “autonomização” dos diferentes campos de produção de bens culturais e simbólicos. Segundo Bourdieu (1987b), esse processo é correlato à formação de categorias profissionais socialmente distintas dos produtores desses bens, à constituição de um público de consumidores desses mesmos bens e, ainda, à constituição de instâncias de consagração e de instituições encarregadas de sua produção e difusão. Esses fatos, decorrentes do avanço da divisão social do trabalho em nossas socieda-

des e da crescente especialização das esferas da vida humana e da prática social, fornecem as condições favoráveis à construção de sistemas ideológicos ou de teorias que reproduzem as divisões prévias da estrutura social.

O mesmo autor indica que “a constituição de um campo enquanto tal é correlata ao processo de fechamento em si mesmo”. Ou seja, um campo da produção cultural e científica é tanto mais autônomo quanto maior o seu poder para definir as normas que orientam a sua produção, as condutas de seus membros, os critérios de avaliação de seus produtos e o poder de “retraduzir todas as determinações externas de acordo com seus princípios próprios de funcionamento” (Bourdieu, 1987b. p.106)

É preciso ainda destacar que a autonomia de um campo em relação a outros campos não é uma questão definitivamente resolvida. Essa autonomia varia conforme a sociedade considerada e os momentos históricos dessa mesma sociedade³.

Antes de se passar a ver como as idéias gerais acima apresentadas se especificam no campo científico, é importante tratar rapidamente das implicações de tais idéias para uma ciência dos campos da produção cultural e simbólica e suas obras.

É certo que Bourdieu, quando discute essas implicações metodológicas, o faz no horizonte de uma sociologia do campo artístico e literário; contudo, os princípios que aponta — assim como as idéias anteriormente apresentadas — têm sido por ele aplicados em estudos e pesquisas sobre o campo científico ou o campo universitário francês.

Em diversos momentos, o autor discute longamente um método para uma análise sociológica do campo intelectual e artístico.

Na defesa do método analítico que propõe, Bourdieu (1987a) analisa as formas correntes utilizadas nas análises sociológicas do campo intelectual e artístico, criticando especialmente três tipos de abordagens: as que privilegiam o estudo dos produtos da atividade cultural e artística como puras criações de um gênio inventivo (a “hagiografia”); as que vêem nas obras e em seus produtores o mero reflexo das condições sociais de produção; e por último, as que se limitam a uma análise interna das obras em si, sem considerarem as condições sociais que as geraram.

Na verdade, de certa forma, busca conciliar todos esses métodos de análises enumerados anteriormente. Segundo diz:

(...) é preciso situar o corpus (grifo do autor) assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste corpus neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu. Em outros termos, é necessário

3 Na ciência, por exemplo, a autonomia das diversas disciplinas científicas entre si, e em relação às demandas do campo do poder, são questões que têm assumido formas diferenciadas ao longo do tempo.

determinar previamente as funções de que se reveste este corpus [a obra] no sistemas das relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo de poder. (Bourdieu, 1987a. p.185-6)

Tentando um resumo do método por ele proposto para uma ciência do campo artístico e literário, pode-se dizer que esse método implica considerar: a relação entre a biografia individual e a obra (incluindo aqui a classe social de origem dos produtores, o espaço e as instituições de produção, as revistas, as editoras etc.), a análise interna da própria obra e a análise intertextual que busca as relações entre um conjunto de obras. Ou seja, é necessário buscar com o campo das obras, o campo dos produtores e as relações entre esses dois campos.

Passa-se, então, a seguir, ao campo científico propriamente dito.

O CAMPO CIENTÍFICO EM BOURDIEU

O universo da ciência é um universo de formas e produções simbólicas e, como tal, está submetido às mesmas leis gerais que vimos anteriormente acerca da "teoria dos campos", assumindo formas específicas no interior deste campo.

É exatamente isso que Bourdieu (1983a) diz logo no início do texto "O campo científico": "O universo 'puro' da mais 'pura' ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas *invariantes* (grifo do autor) revestem formas específicas" (p.122).

São essas formas específicas do funcionamento do campo científico que a seguir se tenta examinar, tendo já como pano de fundo algumas daquelas *invariantes* a que Bourdieu se refere.

Segundo o autor, o campo científico é um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas que, conquistadas pelos agentes em lutas anteriores, concorrem pelo monopólio de uma espécie particular de capital, a *legitimidade científica* ou a *autoridade científica* (o capital específico em jogo no mundo da ciência), ou, o que é dizer o mesmo, concorrem pelo poder de impor os critérios que definem *o que é e o que não é científico*.

Essa forma de capital que é a autoridade científica ou, ainda, a competência científica, pode ser entendida, segundo Bourdieu (1983a), como a *capacidade técnica* e o *poder social* de agir e falar legitimamente em nome da ciência. Legitimidade essa socialmente outorgada, geralmente, pelos pares concorrentes, a um agente ou grupo de agentes no interior do próprio campo.

É necessário frisar que o autor não reduz a autoridade científica a um conjunto de capacidades técnicas ou teóricas determinadas. Pelo contrário, enfa-

tiza que é impossível dizer até onde vai, na idéia de autoridade ou de competência científica, a capacidade técnica e onde começa o poder simbólico. Ou seja, os títulos escolares, as distinções e os rituais de consagração científica que atravessam o mundo acadêmico e científico, "contaminam" a percepção da capacidade propriamente técnica dos pesquisadores. Assim, toda a autoridade ou competência científica é constituída, na verdade, de uma "razão social" que se legitima, apresentando-se como "razão puramente técnica" (Bourdieu, 1983a).

O autor cita como exemplo extremo dessa dupla face da legitimidade científica a tecnocracia. Efetivamente, é sabido quanto a tecnocracia, propalando princípios e razões puramente técnicas, vem exercendo, nas sociedades modernas, formas de controle social e político as mais sofisticadas e funcionais para as classes que detêm o poder econômico e político.

Evidenciando a dupla natureza de que se reveste a autoridade científica, Bourdieu aponta para uma característica da violência simbólica tantas vezes destacada ao longo de seus trabalhos. Por detrás de uma aparente neutralidade que lhes confere legitimidade, os sistemas simbólicos cumprem da forma mais eficaz a reprodução das estruturas sociais.

Para se compreender o funcionamento e a estrutura do campo científico, Bourdieu (1983a, 1987b) indica que se tem de considerar tanto a posição de cada disciplina na hierarquia das disciplinas científicas que constituem o campo científico quanto a posição dos diferentes produtores e agentes na hierarquia própria de cada uma das disciplinas científicas.

O campo científico e a comunidade científica não são um todo indiferenciado e homogêneo. Segundo diz Bourdieu (1975), há, no campo científico, um sistema de classificação em vigor — nem sempre explícito — que trata determinados domínios, objetos, métodos e teorias como "dignos" ou "indignos" de receber o interesse e os investimentos dos agentes do campo. E os pesquisadores participam sempre da importância e do valor simbólico que a representação dominante atribui aos seus objetos de trabalho e de pesquisa, aos seus problemas e métodos de investigação.

Uma boa ilustração das hierarquias que se estabelecem no interior de um campo ou disciplina científica em um determinado momento de sua história é oferecida no artigo intitulado "A propos d'une rencontre entre chercheurs; sciences sociales et politique au Brésil", no qual Monique de Saint Martin (1988), tendo por pretexto a X Reunião Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), realizada em Campos do Jordão em 1986, analisa a dinâmica do funcionamento do campo das Ciências Sociais no Brasil, nos anos que se seguem ao fim dos governos militares implantados em 1964.

Falando da posição dominada e da pequena autonomia que o campo das Ciências Sociais e seus agentes mantinham em relação às demandas do campo do poder e da política nessa década de redemo-

cratização da vida política brasileira, Saint Martin (1988) destaca como esse fato marcava o lugar que os diferentes grupos de trabalho e suas temáticas ocupavam no evento que é objeto de sua análise:

Os grupos de trabalho que, na reunião da AN-POCS, tratam do Estado e da democracia, ou da política e dos partidos, ocupam posições de honra; os grupos que tratam da cultura, da religião, da educação, da história indígena e da população negra ocupam as posições relativamente dominadas. Assim, as participantes dos trabalhos do grupo "Educação e Sociedade" me parecem de uma origem mais modesta que as participantes do grupo "Elites políticas" que estão vestidas de modo mais "chic" e esmerado, são mais "femininas" e, sem dúvida, também de origem social mais elevada.⁴ (p.129)

Assim, disciplinas como as ciências políticas, a sociologia política, e temas como o autoritarismo, a democratização, a representação política, o sistema eleitoral e outros afins, ocupavam um lugar privilegiado nas hierarquias de disciplinas e objetos de estudo do campo das Ciências Sociais por sua proximidade com as demandas do campo político. Ao contrário, as disciplinas, temas e objetos de estudo que não apresentavam uma relação tão imediata com o campo do poder, como por exemplo a Sociologia da Educação, ocupavam as posições inferiores do campo.

As palavras anteriormente transcritas de Saint Martin (1988) destacam também o fato de que a distribuição dos agentes, pela hierarquia de disciplinas de um campo científico, sofre a mediação de fatores como o sexo e o capital social e cultural de que os diversos agentes são portadores. Assim, observa a autora que os participantes dos grupos de trabalho mais prestigiosos apresentavam indícios de serem portadores de maior capital social e cultural, quando comparados aos seus colegas que se ocupavam de temas e questões que não apresentavam a mesma rentabilidade simbólica no interior do campo nesses anos.

Os intelectuais que ocupavam as posições dominantes no campo, os mais prestigiados e reconhecidos por seus pares eram exatamente os que, além da autoridade científica, conquistada por suas trajetórias no campo acadêmico e científico, detinham visibilidade no campo político. Eram numerosos os sociólogos e cientistas políticos que, nesses anos, concorriam a cargos eletivos da administração pública, assim como um número significativo de economistas era convidado a assumir postos de conselho e gestão em órgãos governamentais, atividades essas que acarretavam, aos que a elas se dedicavam, formas de reconhecimento e prestígio que não se submetiam a critérios propriamente científicos.

Segundo Bourdieu, é essa distribuição desigual de legitimidade no interior do campo científico que pode explicar a freqüente tendência dos pesquisadores a se concentrar em torno dos problemas de pesquisa mais prestigiosos e, portanto, possíveis de con-

ferir maior visibilidade e autoridade científica aos que a eles se dedicam. Ou, ainda, pode mesmo explicar os fluxos de migração de pesquisadores em direção a objetos que, mesmo sendo menos prestigiosos, têm a vantagem de atraírem um menor número de agentes, o que implica um nível de competição relativamente mais fraco e, por isso, maiores possibilidades de obtenção de distinções e reconhecimento.

Do mesmo modo, pode-se explicar pela distribuição desigual de legitimidade o fato de algumas áreas de conhecimento ou disciplinas serem mais consagradas ou legítimas que outras (por exemplo, a dominação das disciplinas teóricas sobre as aplicadas, de caráter mais pragmático) ou, ainda, o fato de as investigações de cunho teórico acarretarem maior lucro simbólico aos pesquisadores do que as pesquisas empíricas.

E, ainda, nessa mesma direção, Bourdieu (1987b) aponta para uma questão que nos parece muito cara a nós, trabalhadores e pesquisadores do campo educacional, dizendo que: "Diversamente de uma prática legítima, uma prática em vias de consagração coloca incessantemente aos que a ela se entregam a questão de sua própria legitimidade" (p.155).

Os educadores, de certa forma, não se confrontam, no campo educacional, em especial, em algumas áreas do conhecimento pedagógico, com o problema da legitimidade de seus objetos de estudo e de suas práticas⁵?

Quanto à distribuição dos produtores pelas diferentes hierarquias do campo científico e seus investimentos no interior dessas hierarquias, Bourdieu (1983a, 1987b) destaca que tanto a posição dos produtores no interior do campo, como as suas possibilidades de investimento e de obtenção de sucesso a partir desses investimentos são questões mediadas pela origem social dos agentes, pelo capital simbólico e cultural (expresso por exemplo em títulos escolares) que cada um conseguiu acumular ao longo de sua vida e trajetória escolar e, por fim, pela posição do próprio campo considerado na hierarquia das disciplinas científicas e em relação a outros campos sociais como o campo político e econômico.

Ou seja, as aspirações científicas dos agentes no interior do campo científico são proporcionais ao capital de reconhecimento que cada um já conseguiu acumular. Dessa forma, aqueles professores e pesquisadores mais bem situados no interior do campo científico tendem a desenvolver uma produção intelectual mais abundante e "ambiciosa" quanto mais elevada for a sua posição nos degraus da "hierarquia de legitimidade" do campo (Bourdieu, 1987b).

4 Tradução da autora do texto original em francês.

5 Veja-se, por exemplo, a investigação sociohistórica desenvolvida por esta autora (Garcia, 1994) sobre a disciplina de Didática nas antigas Faculdades de Filosofia, sua posição no interior dessas instituições e entre as disciplinas que constituíram os currículos de formação de professores em nível universitário no Brasil até aproximadamente o final da década de 60.

Pode-se, então, depreender que as hierarquias no interior do campo científico se constituem pela posse de uma parcela maior ou menor de legitimidade científica. Como anteriormente se apontou, a atribuição dessa forma de legitimidade que implica a autoridade científica é tarefa dos próprios pares concorrentes no interior do campo. É tanto mais um processo interno ao próprio campo quanto maior for o grau de autonomia do campo ou da disciplina científica considerada. É interessante destacar que, segundo Bourdieu (1983a), as ciências da natureza gozam de maior autonomia que as ciências sociais porque:

(...) o que está em jogo na luta interna pela autoridade científica no campo das ciências sociais, isto é, o poder de produzir, impor e inculcar a representação legítima do mundo social, é o que está em jogo entre as classes no campo da política. Segue-se daí que as posições na luta interna não podem jamais atingir o grau de independência com relação às posições nas lutas externas que se observa no campo das ciências da natureza. (p.148)

Assim o autor explica, para usar suas expressivas palavras, "o desenvolvimento tardio e sempre ameaçado" das ciências sociais em direção a uma autonomia real que supõe "a instauração de mecanismos constitutivos de um campo científico auto-regulado e autárquico (...)" (p.147).

Como se buscou mostrar, as posições dominantes no interior do campo científico pertencem àqueles que dispõem de maior capital científico, maior celebridade ou prestígio. Conforme Ortiz (1983), são aquelas posições que detêm o poder de impor aos outros elementos do campo a definição de ciência que melhor lhes convém e que lhes permite ocupar a posição de dominantes.

Também aqui, no interior do campo científico, podem ser encontradas aquelas estratégias de conservação e subversão de que já se falou anteriormente. É no confronto entre as ortodoxias e as heterodoxias que vão se definindo os limites de um determinado campo ou disciplina científica, como é, ainda, por essas lutas que se explicam as transformações que se dão no nível das teorias, dos objetos de estudo e dos métodos de pesquisa em uma dada disciplina científica.

A própria acumulação do capital científico, segundo Bourdieu (1983a), é o resultado das lutas que atravessam o campo científico. Pois, na tentativa de se distinguir daqueles que o precedem, o "aspirante" à consagração científica tem de necessariamente incorporar as idéias, os conceitos, os métodos e as teorias já produzidas e sistematizadas numa construção nova, que tenta superar as anteriores. É assim que fins particulares de reconhecimento e legitimidade dos produtores individuais acabam se transformando, por uma lógica própria do funcionamento do campo, em algo proveitoso para o progresso da ciência, ou seja, a ampliação do conjunto de conhecimentos científicos. A idéia de objetividade também é construída, no in-

terior do campo científico, segundo os mesmos princípios. A objetividade das práticas científicas e seus produtos e os critérios que a definem são fruto de um consenso que se constrói no campo segundo critérios discutidos no interior do próprio campo.

De tudo o que se disse anteriormente é necessário destacar que, acima de tudo, Bourdieu (1983a, 1987b) ensina que, no campo científico, as tomadas de posição dos produtores e as obras por eles produzidas são passíveis de uma dupla leitura, uma no campo cultural e outra no campo político, as duas intimamente vinculadas. Mesmo aquelas tomadas de posição que significam contribuições e avanços ao progresso científico ou que se manifestam na forma de divergências teóricas ou epistemológicas são, antes de tudo, posições políticas e interesses em luta no interior do campo.

É por isso que ele enfatiza que uma sociologia científica da ciência

Só pode constituir-se com a condição de perceber claramente que às diferentes posições no campo científico associam-se representações da ciência, estratégias ideológicas disfarçadas em tomadas de posição epistemológicas (grifos do autor) através das quais os ocupantes de uma posição determinada visam justificar sua própria posição e as estratégias que eles colocam em ação para mantê-la ou melhorá-la e para desacreditar, ao mesmo tempo, os detentores da posição oposta e suas estratégias. (1983a. p.154)

Bourdieu alerta, a seguir, que a sociologia da ciência e do conhecimento implica que o sociólogo seja capaz de mapear a totalidade das posições em jogo no interior do campo e suas estratégias, e não somente as posições adversárias à sua.

Pode-se encontrar em sua obra *Homo Academicus*, publicada em 1984, na França, um exemplo da aplicação desses princípios ao estudo de um campo científico em particular, qual seja, o campo universitário francês.

O que Bourdieu fornece nesse livro é o resultado de uma minuciosa análise da estrutura do campo universitário na França, dos princípios que organizam e que conformam aquilo a que dá o nome de "conflito entre faculdades". O autor mostra a posição das diferentes faculdades (basicamente Medicina, Direito, Ciências e Letras) em relação ao campo do poder, a autonomia maior ou menor de cada faculdade diante desse campo e as implicações em termos da estrutura e organização de cada uma delas. Trata, ainda, das formas de recrutamento e distribuição dos professores e pesquisadores por essas diferentes faculdades e suas hierarquias, considerando indicadores do tipo: o capital cultural e social que cada agente do campo herdou, os determinantes escolares, o capital de poder e prestígio universitário, o capital científico e intelectual, as disposições políticas etc.

No campo universitário francês, as diferentes faculdades se distribuem segundo uma estrutura homóloga à estrutura do campo de poder. Ou seja, num

pólo, as faculdades cientificamente dominantes mas socialmente dominadas e, em outro, as faculdades cientificamente dominadas mas social e politicamente dominantes (ou dominantes na ordem temporal, como ele mesmo diz). Essa oposição, segundo suas palavras, concerne sobretudo ao lugar e à significação que as diferentes categorias de professores dão à atividade científica e à própria idéia de ciência (Bourdieu, 1984. p.76-7).

Para explicar tal fato Bourdieu vai buscar em Kant a oposição entre essa duas categorias de faculdades que, no campo universitário, disputam o monopólio pelo pensamento e pelo discurso legítimo sobre o mundo social.

No primeiro pólo, as "faculdades superiores", compreendendo as faculdades de Teologia, Direito e Medicina, apresentando-se como faculdades menos autônomas em relação ao campo do poder político e econômico e especialmente encarregadas de formar e controlar os usos práticos do saber. São dominantes na ordem política porque são mais dependentes das demandas desse campo, e formam os agentes que vão executar, sem questionamentos, as leis de uma determinada ordem social e científica. No segundo pólo, as "faculdades inferiores", das quais fazem parte as Ciências e as Letras, dominantes na ordem cultural porque são mais dependentes das normas e critérios próprios dessa ordem e são mais voltadas para as necessidades de construção dos fundamentos racionais da ciência e para o questionamento da ordem estabelecida (conforme Bourdieu, 1984).

Dessa forma, o campo universitário francês, na ótica do autor, está organizado segundo dois princípios de hierarquização opostos e concorrentes: de um lado, uma hierarquia social segundo o capital herdado e o capital econômico e político atualmente detidos e, de outro, uma hierarquia fundada propriamente sobre o capital de autoridade e prestígio intelectual e científico.

O autor relaciona, ainda, a posição ocupada nas diferentes faculdades e disciplinas pelos professores e pesquisadores universitários à posse de determinados índices de capital econômico e cultural.

De um modo geral, Bourdieu considera que os professores universitários se situam no pólo dominante do campo cultural opondo-se, pela posse de uma determinada forma institucionalizada de capital cultural que lhes propicia uma carreira burocrática e vantagens regulares, tanto aos patrões da indústria e do comércio como aos setores mais "heréticos" do campo cultural, como por exemplo, os escritores e artistas sem um vínculo mais institucionalizado. Entretanto, pelas divisões que atravessam o campo universitário como um todo, os professores se distinguem entre si segundo a posição que ocupam nos diversos degraus da hierarquia das faculdades e das disciplinas.

Bourdieu (1984) mostra que as faculdades dominantes, segundo uma hierarquia temporal e política (no caso francês, a Medicina e o Direito), recrutam seus corpos profissionais no interior das frações de classe da burguesia, detentoras de maiores índices de

capital econômico, político e cultural herdados ou atualmente conquistados. Esses profissionais tenderiam a acumular mais seguidamente as funções de autoridade no interior da universidade e as funções de poder no universo político e econômico.

Em relação a esses profissionais destaca, ainda, que o julgamento da sua "competência estatutária" é perpassado por uma mistura de justificativas técnicas e sociais. As próprias formas de recrutamento desses profissionais revelam estratégias de reprodução destinadas a conservar, além de uma posição "rara", um determinado *ethos* que caracteriza o "espírito do corpo profissional" (Bourdieu, 1984. p.83).

Já à medida que ocorra o afastamento para os degraus inferiores da hierarquia das faculdades (as Ciências e as Letras), considerando o princípio temporal e político, vamos encontrar os profissionais oriundos das classes populares ou médias que devem a seu sucesso escolar sua ascensão às classes superiores. Esses profissionais, segundo o autor, estariam mais dispostos a se sujeitarem a uma hierarquização fundada na autonomia da ordem científica; e, em função do *habitus*, tenderiam a reinvestir os seus esforços na própria instituição, sendo pouco inclinados a buscar outras formas de poder fora do mundo universitário.

Enfim, com esse estudo, Bourdieu desvela o fato de que a própria idéia de autoridade científica e a concepção de ciência variam conforme a posição do agente no campo e/ou a posição da disciplina considerada em relação às demais disciplinas que constituem o campo científico. Tanto assim que esses conceitos assumem significados profundamente diferentes no seio das faculdades "superiores" e no seio das faculdades "inferiores". Nas primeiras, o prestígio científico é profundamente contaminado por uma razão propriamente social ligada à posse de uma clientela proveniente das elites e ligada ao longo aprendizado de um arbitrário cultural distintivo, que caracteriza o corpo profissional. Enquanto que, nas segundas, a autoridade científica se submete mais facilmente aos critérios próprios da ordem científica.

Tentou-se evidenciar, com os destaques feitos a partir da obra *Homo Academicus*, a complexidade dos fatores envolvidos na análise de um campo científico específico. Fatores esses que passam pela consideração da posição de um campo ou de uma disciplina particular no interior do campo científico e em relação ao campo do poder, pela consideração de suas hierarquias e das posições dos diferentes agentes no interior do campo.

Aprendeu-se com Bourdieu que no campo científico se defrontam diferentes posições políticas em luta por uma forma específica de capital que é a autoridade científica, e que os debates e enfrentamentos epistemológicos que atravessam o mundo acadêmico encobrem estratégias de manutenção, de exclusão ou de conquista do poder de impor uma determinada definição do que é o "científico".

Viu-se, também, que a autoridade científica é uma forma particular de capital que pode ser entendida como um misto de capacidades técnicas e poder simbólico atribuído a um agente ou grupo de agentes em função de sua posição atual no interior de um campo, de sua origem social e capital cultural e simbólico herdado e acumulado ao longo das trajetórias de cada um dos agentes.

Apreendeu-se ainda que para se compreender o processo de constituição, desenvolvimento e as transformações de um determinado campo ou disciplina científica, bem como o caráter do seu conteúdo ou de suas obras, tem-se de considerar o "jogo" entre as diferentes posições no campo, suas interações recíprocas no interior do próprio campo e em relação ao campo social, político e econômico.

É certo que Bourdieu ensina que os campos da produção de bens simbólicos apresentam homologias com os campos econômico, político e social e que conceitos como "capital", "conflitos" e outros de mesma natureza têm relevância para a análise sociológica de um campo. Mas, ensina também que os campos simbólicos têm uma autonomia e dinâmica próprias, que lhes conferem características particulares de estruturação e de funcionamento que precisam ser apreendidas pelo esforço analítico do sociólogo.

Desvanece-se, assim, aos nossos olhos o mundo puro da ciência e a infalibilidade dos seus produtos, para ressurgir uma esfera da prática social atravessada por interesses nem sempre explícitos, por posições em luta que, em última análise, vão dando os contornos e os limites do universo científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. Avenir de classe et causalité du probable. *Revue Française de Sociologie*. Paris, v.15, n.1, p.3-42, jan./mar. 1974.
- _____. O Campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983a. p.122-55. (Grandes Cientistas Sociais, 39)
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990a. p.77-95: Da regra às estratégias.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990b. p.169-80: O campo intelectual.
- _____. *A Economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987a. p.183-202: Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe.
- _____. *A Economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987b. p.99-181: O mercado de bens simbólicos.
- _____. *Homo academicus*. Paris: Éditions de Minuit, 1984. 302p.
- _____. Méthode scientifique et hiérarchie sociale des objets. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.1, p.4-6, 1975.
- _____. *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989a. p.59-73: A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo.
- _____. *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989b. p.7-15: Sobre o poder simbólico.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b. p.89-94: Algumas propriedades dos campos.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.415.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. p.732.
- GARCIA, M. M. A. *A Didática no ensino superior*. Campinas: Papirus, 1994.
- ORTIZ, R. A Procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.7-29.
- SAINT MARTIN, M. A Propos d'une rencontre entre chercheurs; sciences sociales et politique au Brésil. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. mars 1988. p.129-34.
-